

«Poderoso e comovente. Ajuda a esclarecer um dos momentos  
mais duros da história do Holocausto.»

KIRKUS REVIEWS

# A RAPARIGA ALEMÃ

BASEADO NUMA HISTÓRIA REAL

ARMANDO LUCAS  
CORREA

TOP  
SEL  
LER



*Para os meus filhos: Emma, Anna e Lucas  
Para a Ana Maria (Karman) Gordon, a Judith (Koeppel) Steel,  
e o Herbert Karliner, que eram da idade dos meus filhos quando  
embarcaram no St. Louis no porto de Hamburgo, em 1939.*

*Vós sois minhas testemunhas.*

ISAÍAS, 43:10-11



*As recordações são aquilo de que já não te queres lembrar.*

JOAN DIDION



*Hannah e Anna*  
Berlim — Nova Iorque

*Hannah*

Berlim, 1939

**T**inha quase 12 anos de idade quando decidi matar os meus pais. A decisão estava tomada. Iria deitar-me e esperar que adormecessem. Era sempre fácil de perceber porque o papá trancava as portadas grandes e pesadas e fechava os cortinados grossos verde-bronze. Iria repetir as mesmas coisas que dizia todas as noites depois do jantar, que, naquele tempo, pouco mais era do que uma tigela fumegante de sopa insípida.

— Não há nada a fazer. Acabou tudo. Temos de nos ir embora.

Depois a mamã desatava a gritar, e a voz vacilava conforme o culpava. Iria vaguear pelo apartamento inteiro — a sua fortaleza no coração de uma cidade a afundar-se; o único espaço que ela conheceu durante mais de quatro meses — até se cansar. Depois abraçaria o papá, e os gemidos débeis calar-se-iam finalmente.

Eu esperaria umas horas. Eles não resistiriam. Já sabia que o papá desistira e estava disposto a partir. A mamã seria mais difícil, mas, como tomava tantos comprimidos, estaria a dormir profundamente, imersa nas fragrâncias de jasmim e gerânio. Embora tivesse aumentado gradualmente a dose, ainda acordava de noite a chorar. Eu acorria logo para ver o que acontecera, mas através da porta entreaberta só conseguia ver a mamã inconsolável nos braços do papá, como uma menina a recobrar de um pesadelo terrível. Só que, para ela, o pesadelo era estar acordada.

Já ninguém ouvia os meus gritos; já ninguém se ralava com eles. O papá dizia que eu era forte. Que eu sobreviveria fosse como fosse.

Mas não a mamã. A dor devorava-a. Ela era a criança numa casa onde a luz do dia já não podia entrar. Durante quatro meses, chorou todas as noites, desde que a cidade se cobrira de vidros partidos e se encheria com o fedor constante a pólvora, metal e fumo. Foi quando começaram a arquitetar a nossa fuga. Decidiram que abandonaríamos a casa onde nasci, e proibiram-me de ir à escola, onde já ninguém gostava de mim. Depois o papá deu-me a minha segunda máquina fotográfica.

— Para deixares um rasto de saída do labirinto, como Ariadne — sussurrou.

Atrevi-me a pensar que seria melhor livrar-me deles.

Pensei em diluir aspirina na comida do papá, ou em roubar os soporíferos da mamã — ela não duraria uma semana sem eles. O único problema era, em primeiro lugar, as minhas dúvidas. Quantas aspirinas teria o papá de engolir para lhe causar uma úlcera mortal, uma hemorragia interna? Quanto tempo poderia a mamã sobreviver sem dormir? Uma morte sangrenta estava fora de questão, porque eu não aguentava ver sangue. Por conseguinte, o melhor seria eles morrerem de asfixia. Sufocá-los com uma enorme almofada de penas. A mamã deixou bem claro que o seu sonho era que a morte a apanhasse de surpresa enquanto dormia. «Não suporto despedidas», dizia, a fitar-me — ou, se eu não estivesse a ouvir, agarrava-me por um braço e apertava-mo com a pouca força que lhe restava.

Uma noite acordei em prantos, a pensar que já cometera o crime. Via os corpos inertes dos meus pais, mas não conseguia verter uma única lágrima. Sentia-me livre. Agora já ninguém me obrigaria a viver num bairro imundo, a deixar para trás os meus livros, fotografias, máquinas fotográficas, a viver com o terror de ser envenenada pelo próprio pai ou mãe.

Comecei a tremer. *Papá!*, chamei, mas ninguém me veio salvar. *Mamã!* Não havia como voltar atrás. Em que me tornara eu? Como acabei tão vil? O que faria com os cadáveres? Quanto tempo levariam a decompor-se?

Toda a gente pensaria que tinha sido suicídio. Ninguém questionaria. Nessa altura, já os meus pais sofriam constantemente há quatro meses. Os outros veriam uma órfã; eu veria uma assassina.

O meu crime constava do dicionário. Fui ver. Que palavra pavorosa. Só de a dizer ficava toda arrepiada. *Parricídio*. Tentei repetir e não consegui. Eu era uma assassina.

Era tão fácil identificar o meu crime, a minha culpa, a minha agonia. Então e os meus pais, que se queriam livrar de mim? Como se designava alguém que mata os filhos? Seria um crime tão horrível que nem tinha palavra no dicionário? Significava que podiam safar-se, ao passo que eu tinha de aguentar o peso da morte e da palavra nauseabunda. Pode matar-se os pais, os irmãos, as irmãs. Não os filhos.

Rondei pelos quartos, que me pareciam cada vez mais exíguos e escuros, numa casa que brevemente deixaria de ser nossa. Olhei para o teto inalcançável, percorri corredores ladeados com as imagens de uma família que desaparecia paulatinamente. A luz do candeeiro com o abajur branco como a neve na biblioteca do papá derramava-se no corredor onde eu estava desorientada, sem me conseguir mexer. Vi as minhas mãos pálidas ficarem douradas.

Abri os olhos e estava no mesmo quarto, rodeada por livros muito folheados e bonecas com que nunca brincara nem viria a brincar. Fechei os olhos e senti que não tardaria que fugíssemos sem destino fixo, num transatlântico enorme com partida de um porto neste país onde nunca nos tínhamos integrado.

No fim de contas, não matei os meus pais. Não foi preciso. O papá e a mamã eram os culpados. Obrigaram-me a precipitar-me no abismo com eles.



O cheiro no apartamento tornara-se intolerável. Não compreendia como é que a mamã podia viver naquelas quatro paredes forradas a seda verde-musgo, que engoliam a pouca luz do dia daquela altura do ano. Era o cheiro a clausura.

Tínhamos menos tempo de viver. Eu sabia; eu sentia. Não passaríamos o verão ali, em Berlim. A mamã tinha colocado naftalina nos guarda-fatos para preservar o seu mundo, e o odor pungente enchia o apartamento. Eu não fazia ideia do que ela tentava proteger dado que, fosse como fosse, perderíamos tudo.

— Tu cheiras às velhotas da Grosse Hamburger Strasse — dizia o Leo, a arreliar-me. O Leo era o meu único amigo; a única pessoa que se atrevia a encarar-me sem me querer cuspir em cima.

A primavera em Berlim era fria e chuvosa, mas o papá costumava sair sem levar o casaco. Sempre que saía nesse tempo, não esperava pelo elevador, mas descia pelas escadas, que rangiam quando ele as pisava. Eu não podia servir-me das escadas. Ele não as usava por ter pressa, mas sim por não querer deparar-se com mais alguém do prédio. As cinco famílias que moravam nos pisos abaixo do nosso estavam todas à espera de que nos fôssemos embora. As que tinham sido nossas amigas já não eram amigáveis. As que agradeciam ao papá ou que tentavam cair nas boas graças da mamã e das amigas — que lhe elogiavam o bom gosto ou pediam conselhos para combinar uma mala de mão garrida com sapatos da moda — olhavam-nos agora sobranceiras, e podiam denunciar-nos a qualquer momento.

A mamã passou novamente mais um dia sem sair de casa. Todas as manhãs, quando se levantava, punha os brincos de rubi e alisava o cabelo bonito e espesso — a inveja das amigas sempre que aparecia na sala de chá do Hotel Adlon. O papá chamava-lhe Deusa porque ela era fascinada pelo cinema, o seu único contacto com o mundo lá fora. Nunca perdia a estreia de um filme com a verdadeira deusa do grande ecrã, «La Divine» Greta Garbo, no Palast.

— Ela é mais alemã do que ninguém — insistia sempre que falava na divina Garbo, que era, na verdade, sueca. Porém, na altura os filmes eram mudos, e ninguém queria saber onde nascera a estrela.

Nós tínhamo-la descoberto. Sempre soubemos que seria venerada. Apreciámo-la antes de todos os outros; foi por isso que Hollywood reparou nela. No primeiro filme sonoro, ela disse num alemão perfeito: «Uísque — *aber nicht zu knapp!*».

Por vezes, quando voltavam do cinema, a mamã ainda vinha chorosa.

— Adoro finais tristes — explicava. — As comédias não são para mim.

Derretia-se nos braços do papá, levava uma mão à frente, a outra segurava na cauda de seda de um vestido em cascata, lançava a cabeça para trás, e começava a falar francês.

— Armand, Armand... — repetia languidamente e com forte sotaque, como a própria Divina.

O papá chamava-lhe «a minha Camille».

— *Espère, mon ami, et sois bien certain d'une chose, c'est que, quoi qu'il arrive, ta Marguerite te restera* — respondia, a rir histericamente.

— Dumas soa pavoroso em alemão, não soa?

Mas a mamã já não ia a lado nenhum.

«*Demasiadas janelas partidas*», tinha sido a desculpa desde o terrível pogrom de novembro, quando o papá perdera o emprego. Tinha sido detido no gabinete da universidade e levado para a esquadra de Grolmanstrasse, e ficara incontactável por um delito que nunca compreendemos. Dividiu uma cela sem janelas com *Herr* Martin, o pai do Leo. Depois de libertados, os dois encontravam-se diariamente — e a mamã ralava-se ainda mais por isso, como se organizassem uma fuga e ela ainda não estivesse preparada. O medo era o que a impedia de sair da fortaleza. Vivía num estado de agitação constante. Dantes, costumava ir ao elegante salão do Hotel Kaiserhof, a poucos quarteirões dali, mas acabou por ficar cheio de gente que nos odiava: aqueles que se consideravam puros, e a quem o Leo chamava ogres.

No passado, ela gabava-se de Berlim. Se fosse a Paris fazer compras, ficava sempre no Ritz; se acompanhasse o papá a uma palestra ou a um concerto em Viena, no Imperial:

— Mas nós temos o Adlon, o nosso Grande Hotel na Unter den Linden. A Divina ficou lá, e imortalizou-o no grande ecrã.

Nesse tempo, ela espreitava pela janela, a tentar encontrar razão para o que estava a acontecer. O que tinha sido feito dos seus anos felizes? Qual era a sua sentença, e porquê? Sentia que pagava pelos delitos dos outros: dos pais, dos avós — todos os antepassados ao longo dos séculos.

— Sou alemã, Hannah. Sou uma Strauss. Alma Strauss. Isso não basta, Hannah? — perguntava-me em alemão, depois em espanhol, em inglês, finalmente em francês. Como se alguém a ouvisse; como se quisesse enviar uma mensagem claríssima em cada uma das quatro línguas que falava com fluência.

Eu tinha combinado ir ter com o Leo nesse dia para tirar fotografias. Encontrávamo-nos todas as tardes no café da *Frau* Falkenhorst,

perto do Hackescher Markt. Sempre que nos via, a dona sorria e chamava-nos «bandidos». Nós gostávamos disso. Se um de nós se atrasasse mais do que o esperado, o primeiro a chegar tinha de pedir um chocolate quente. Por vezes combinávamos encontro no café perto da saída da estação Alexanderplatz, onde havia estantes cheias de guloseimas embrulhadas em papel de prata. Quando precisava de me ver com urgência, o Leo esperava por mim no quiosque dos jornais perto de minha casa, o que nos permitia evitar encontros com os vizinhos, que, apesar de serem também nossos inquilinos, nos evitavam sempre.

Para não desobedecer aos adultos, contornei as escadas atapetadas, cada vez mais poeirentas, e apanhei o elevador. Parou no terceiro andar.

— Olá, *Frau Hofmeister* — disse eu, a sorrir para a filha, Gretel, que tinha sido minha parceira de brincadeira. A Gretel estava triste porque, pouco antes, perdera o seu lindo cãozinho branco. Tive tanta pena dela.

Éramos da mesma idade, mas eu era muito mais alta. Ela olhou para baixo, e a *Frau Hofmeister* teve o descaramento de lhe dizer:

— Vamos pelas escadas. Quando é que se vão embora? Estão a deixar-nos a todos numa situação tão difícil...

Como se eu não estivesse à escuta, como se fosse apenas a minha sombra dentro do elevador. Como se eu não existisse. Era o que ela queria: que eu não existisse.

Os Ditmars, Hartmanns, Brauers e Schultzes viviam no nosso prédio. Arrendávamos-lhes apartamentos. O prédio era da família da mamã ainda antes de ela nascer. Eram eles que se deviam ir embora. Eles não eram dali. Nós éramos. Éramos mais alemães do que eles.

A porta do elevador fechou-se, começou a descer, e eu ainda via os pés da Gretel.

— Gente suja — ouvi.

Teria ouvido bem? O que tínhamos feito para eu ter de aturar aquilo? Que crime cometêramos? Eu não era suja. Não queria que as pessoas me considerassem suja. Saí do elevador e escondi-me debaixo das escadas para não as encontrar outra vez. Vi-as sair do

prédio. A Gretel ainda ia de cabeça baixa. Olhou para trás, à minha procura, talvez querendo desculpar-se, mas a mãe empurrou-a.

— Estás a olhar para quê? — ralhou.

Corri escada acima com estrépito, em prantos. Sim, a chorar de raiva e impotência porque não podia dizer a *Frau Hofmeister* que ela era mais suja do que eu. Se a incomodávamos, podia sair do prédio; era nosso, o prédio. Apetecia-me bater nas paredes, escaqueirar a máquina valiosa que o meu pai me dera. Entrei no nosso apartamento, e a mamã não compreendia a razão da minha fúria.

— Hannah! Hannah! — chamou, mas escolhi ignorá-la.

Entre na casa de banho fria, bati com a porta, e liguei o chuveiro. Ainda chorava; aliás, queria parar, mas era-me impossível. Completamente vestida e calçada, entrei na banheira imaculadamente branca. A mamã continuou a chamar-me e depois, finalmente, deixou-me em paz. Só ouvia o som da água escaldante a tombar sobre mim. Deixei-a correr-me para os olhos até ficarem a arder; para os ouvidos, o nariz, a boca.

Comecei a despir a roupa e os sapatos, tudo mais pesado por causa da água e da minha sujidade. Ensaboei-me, barrei-me com os sais de banho da mamã, que me irritavam a pele, e esfreguei-me com uma toalha branca para me livrar de todos os vestígios de impurezas. Tinha a pele vermelha, tão vermelha como se fosse pelar. Pus a água ainda mais quente, até não aguentar mais. Quando saí da banheira, deixei-me cair nos frios mosaicos pretos e brancos.

Felizmente, tinham-se-me acabado as lágrimas. Sequei-me, a esfregar com força a pele que não queria ter e que, se Deus quiser, começaria a descascar com tanto calor a que a tinha sujeitado. Examinei cada poro ao espelho embaciado: rosto, mãos, pés, orelhas — tudo — a ver se havia vestígios de impurezas. Só queria saber quem era suja agora.

Encolhi-me a um canto, a tremer, a murchar, a sentir-me como uma peça de carne e osso. Era o meu único esconderijo. Por fim, soube que podia lavar-me, queimar a pele, cortar o cabelo, vazar os olhos, ficar surda, que por mais que me vestisse ou falasse de maneira diferente, ou mudasse de nome, eles me achariam sempre impura.

Podia não ter sido má ideia bater à porta da distinta *Frau* Hofmeister, a pedir-lhe para verificar se eu tinha alguma mancha na pele, dizer-lhe que não tinha de me isolar da Gretel, que eu não era uma má influência para a filha, que era tão loura, perfeita e imaculada como eu.

Fui ao quarto e vesti-me toda de branco e cor-de-rosa, as cores mais puras que encontrei no guarda-fatos. Fui à procura da mamã e abracei-a, porque sabia que ela me compreendia; mesmo preferindo ficar em casa para não ter de encarar ninguém. Ela erigira uma fortaleza no seu quarto, por seu turno protegido pelas colunas grossas do apartamento, num prédio feito de enormes blocos de pedra e janelas duplas.

Tinha de me despachar. O Leo já estaria na estação, a correr por toda a parte, tentando sair do caminho das pessoas que aceleravam para apanhar os comboios.

Pelo menos sabia que ele me considerava limpa.

*Anna*

Nova Iorque, 2014

**N**o dia em que o pai desapareceu, a mãe estava grávida de mim. De três meses apenas. Teve oportunidade de se livrar do bebé, mas não aproveitou. Nunca perdeu a esperança de que o pai voltasse, mesmo depois de receber a certidão de óbito.

— Deem-me provas, vestígios de ADN, depois podemos falar — dizia-lhes sempre.

Talvez porque o pai ainda era um estranho para ela em certos aspetos — misterioso e solitário, um homem de poucas falas —, ela pensava que ele poderia reaparecer a qualquer momento.

O pai foi-se embora sem saber que eu estava para nascer.

— Se ele soubesse que estava à espera de uma filha, ainda estaria connosco — insistia a mãe a cada setembro, desde que me lembro.

No dia em que o pai nunca voltou, a mãe ia preparar um jantar para os dois na nossa espaçosa sala de jantar, perto da janela de onde se podem ver as árvores em Morningside Park, alumiadas pelos candeeiros de bronze da rua. Ela ia dar-lhe a novidade. Pôs na mesma a mesa nessa noite, porque se recusava a admitir a possibilidade de ele ter sumido. Nunca chegou a abrir a garrafa de vinho tinto. Os pratos ficaram dias a fio em cima da toalha de mesa branca. A comida foi para o lixo. Nessa noite, ela deitou-se sem comer, sem chorar, sem fechar os olhos.

Baixou o olhar quando me contou isso. Se dependesse dela, os pratos e a garrafa ainda estariam em cima da mesa — e, sabe-se lá, provavelmente a comida seca e em decomposição.

— Ele há de voltar — insistia sempre.

Eles tinham falado sobre ter filhos. Encaravam-no como uma possibilidade distante, um projeto a longo prazo, um sonho do qual não tinham desistido. Tinham uma única certeza: se um dia tivessem filhos, o menino chamar-se-ia Max e a menina, Anna. Era a única coisa que o pai lhe pedira.

— É uma dívida que tenho para com a minha família — dizia-lhe.

Estiveram juntos cinco anos, mas ela nunca conseguiu que ele lhe contasse dos anos que passara em Cuba, nem da família.

— Morreram todos. — Era a única coisa que ele dizia.

Mesmo passados tantos anos, isso ainda transtornava a mãe.

— O teu pai é um enigma, mas é o enigma que eu mais amei em toda a minha vida.

Tentar resolver esse enigma era uma maneira de desabafar. Encontrar a resposta era o seu castigo.

Guardei a pequena e prateada câmara digital dele. Ao princípio, passava horas a ver as imagens que ele deixara no cartão de memória. Não havia uma única foto da mãe. Para quê, quando ela estava sempre com ele? As fotografias tinham sido todas tiradas do mesmo sítio na varanda estreita da sala de estar. Fotografias do sol a nascer. Dias chuvosos, dias limpos, escuros ou nublados, dias alaranjados, dias violetas e azuis. Dias brancos, com a neve a cobrir tudo. Sempre o sol. A aurora com uma linha de horizonte oculta pela manta de retalhos dos edifícios no Harlem silencioso, chaminés a deitar fumo branco, o East River entre duas ilhas. Uma e outra vez, o sol — dourado, grandioso, por vezes parecendo quente, outras frio — visto da nossa portada de vidro duplo.

A mãe disse-me que a vida é um quebra-cabeças. Ela acorda, tenta encontrar a peça certa, tenta todas as combinações diversas para criar aquelas paisagens longínquas muito suas. Eu vivo para as desfazer a fim de descobrir de onde vim. Estou a criar os meus quebra-cabeças com fotos que imprimo em casa, das imagens que encontrei na máquina do pai.

Desde o dia em que descobri o que realmente lhe aconteceu, e a mãe compreendeu que eu sabia cuidar de mim sozinha, fechou-se no quarto e passei a ser sua cuidadora. Converteu o quarto num

refúgio, com a janela que dava para o pátio interior sempre fechada. Em sonhos, eu vejo-a adormecer profundamente devido aos comprimidos que tomou antes de se deitar, envolvida pelos lençóis e as almofadas cinzentas. Disse que os comprimidos ajudavam a minorar o sofrimento e a apagar. Por vezes, eu dizia uma prece — tão silenciosa que nem eu ouvia ou me lembro — a pedir para ela continuar a dormir, para o sofrimento se dissipar para sempre. Não aguentava vê-la sofrer.

Todos os dias antes de sair para a escola, levo-lhe um café simples, sem açúcar. À noite, ela senta-se para jantar, como um fantasma, enquanto eu invento histórias sobre as aulas. Ela escuta, leva a colher à boca, e sorri para me mostrar gratidão por eu ainda estar com ela, e por lhe fazer sopa que ela engole por obrigação.

Sei que ela pode desaparecer a qualquer momento. Para onde iria eu, depois?

Quando o autocarro da escola me deixa à porta do nosso prédio, todas as tardes, a primeira coisa que faço é ir buscar o correio. Depois preparo o nosso jantar, termino os trabalhos da escola, e vejo se há faturas para pagar, as quais entrego à mãe.

Hoje recebemos um envelope grande com riscas amarelas, brancas e vermelhas e um aviso em grandes maiúsculas vermelhas: NÃO DOBRAR. O remetente é do Canadá; o destinatário, a mãe. Deixo em cima da mesa de jantar e deito-me na cama para começar a ler o livro que me deram na escola. Umás horas depois, lembro-me que não abri o envelope.

Começo a bater à porta da mãe. *A esta hora da noite?*, pensará ela. Faz de conta que está a dormir. Silêncio. Continuo a bater.

As noites são sagradas para ela: tenta adormecer, a reviver coisas que já não pode fazer, a pensar no que a vida poderia ter sido se pudesse ter evitado o destino ou, simplesmente, apagá-lo.

— Hoje chegou uma encomenda. Acho que devíamos abri-la juntas — digo, mas não há resposta.

Fico à porta e depois abro-a devagar para não a incomodar. As luzes estão apagadas. Está a dormir, o corpo parece quase sem peso, perdido no meio do colchão. Verifico que ainda respira, ainda existe.

— Não pode ficar para amanhã? — murmura, mas não arredo pé.

Fecha os olhos e abre-os outra vez, vira-se para me ver no umbral, a luz do *hall* atrás de mim — que a encandeia ao princípio, pois está habituada ao escuro.

— Quem mandou? — pergunta, mas não sei responder.

Insisto que venha comigo; que lhe vai fazer bem levantar-se.

Finalmente, consigo convencê-la. Levanta-se cambaleante, e ajeita o cabelo preto liso, que não vê tesoura há meses. Apoia-se no meu braço e arrastamos os pés até à mesa de jantar para descobrir o que nos enviaram. Talvez seja uma prenda de anos para mim. Alguém se lembrou que vou fazer 12 anos, que cresci, que existo.

Ela senta-se devagar, com uma expressão na cara como quem diz: *Porque me fizeste sair da cama e transtornar a minha rotina?*

Quando vê o nome do remetente, pega no envelope e aperta-o contra o peito. Abre muito os olhos e diz-me com solenidade:

— É da família do teu pai.

O quê? Mas o pai não tinha família! Veio a este mundo sozinho e partiu da mesma maneira, sem ninguém por perto. Lembro-me que os pais dele morreram num desastre de avião quando ele tinha 9 anos. Predestinado para a tragédia, disse a mãe uma vez.

Após a morte deles, tinha sido criado por Hannah, uma tia idosa que achávamos já ter morrido também. Não fazíamos ideia se tinham mantido contacto por telefone, carta, ou correio eletrónico. A única família dele. Eu chamava-me Anna em honra dela.

A encomenda tinha sido expedida do Canadá, mas, na realidade, vinha de Havana, capital da ilha caribenha onde o pai nasceu. Quando abrimos, vemos que tem outro envelope. «Para a Anna, da Hannah» está escrito por fora em letra grande e trémula. Não é uma prenda, penso eu. Deve conter documentos ou sabe-se lá o quê. Provavelmente, não tem nada que ver com o meu aniversário. Ou talvez seja da última pessoa a ver o pai vivo, e que finalmente decidiu mandar-nos os seus pertences. Doze anos mais tarde.

Estou tão nervosa que não consigo parar quieta. Levanto-me e sento-me outra vez. Vou ao canto da sala e volto. Começo a brincar com uma madeixa, viro e torço até ficar emaranhada. A sensação é de que o pai está connosco outra vez. A mãe abre o segundo envelope.

Lá dentro só tem papel fotográfico antigo, e muitos negativos, junto com uma revista — em alemão? — de março de 1939. Na capa tem a imagem de uma rapariga loura a sorrir de perfil.

— «A Rapariga Alemã» — diz a mãe, traduzindo o título da revista. — É parecida contigo — acrescenta misteriosamente.

Estas fotografias fazem-me pensar que agora posso começar um quebra-cabeças novo. Vou divertir-me com todas estas imagens que nos chegaram da ilha onde o pai nasceu. Estou tão animada com a descoberta, mas contava encontrar o relógio do pai, um legado do seu avô, Max, que ainda funcionasse, ou a aliança de casamento em ouro branco, ou os óculos sem armação. São os pormenores que recordo do pai pela fotografia que tenho sempre comigo, que dorme ao meu lado todas as noites, na mesa de cabeceira, enquanto uso uma almofada que era sua.

A encomenda não tem nada que ver com o pai. Com a morte dele não, seja como for.

Não reconhecemos ninguém. Custa a discernir imagens tão pequenas e desfocadas, impressas em papel que parece ter sobrevivido a um naufrágio. O pai pode ter sido uma das pessoas. Não, é impossível.

— Estas fotografias devem ter mais de 70 anos — explica a mãe. — Acho que nem o teu avô era nascido.

— Temos de as mandar revelar amanhã — digo, a refrear o entusiasmo para não a transtornar. Ela continua a estudar as imagens misteriosas; rostos do passado que tenta decifrar.

— Anna, são de antes da guerra — diz, tão séria que me assusta. Agora fico ainda mais confusa. De que guerra está a falar?

Percorremos os negativos e deparamos com um postal antigo e desbotado. Ela pega-lhe com o maior cuidado, como se tivesse receio que se desfaça em pedaços.

De um lado, um navio. Do outro, uma dedicatória.

Sinto o coração bater mais rápido. Deve ser uma pista, mas a data no postal é de 23 de maio de 1939, por isso não deve ter nada que ver com o desaparecimento do pai. A mãe manuseia o postal como uma arqueóloga, como se tivesse de caçar luvas de seda para não o estragar. Pela primeira vez em séculos, parece viva.

— É altura de descobrir quem é o pai — digo, no tempo presente, como a mãe faz sempre que fala nele. Olho para a cara da rapariga alemã.

Tenho a certeza que o meu pai não volta, que o perdi para sempre num dia soalheiro de setembro. Mas quero saber mais dele. Não tenho mais ninguém, tirando a minha mãe, que vive enclausurada num quarto escuro, esmagada por pensamentos que não conta a ninguém. Sei que, por vezes, não há respostas, que temos de o aceitar, mas não posso compreender porque é que, quando se casaram, ela não descobriu mais sobre ele; não o tentou conhecer melhor. Nesta altura, já é tarde demais, mas a mãe é mesmo assim.

Agora temos um projeto. Eu tenho, pelo menos. Creio que estamos prestes a descobrir uma pista importante. A mãe volta para o quarto, mas agora estou pronta a arrancá-la daquela passividade. Agarro-me a este objeto enviado por um familiar distante que agora anseio desesperadamente conhecer. Encosto o pequeno postal ao candeeiro da minha mesa de cabeceira e reduzo a luminosidade. Deito-me, puxo as mantas e olho para a gravura até adormecer.

O postal mostra um transatlântico com o nome *St. Louis*, da Hamburg-Amerika Linie. A mensagem está em língua alemã: «*Alles Gute zum Geburtstag Hannah*». Assinado: «*Der Kapitän*».

## Hannah

Berlim, 1939

**A**o abrir por dentro a enorme porta de madeira escura, bati a aldraba de bronze sem querer. O barulho fez eco no prédio silencioso, onde já não me sentia protegida. Preparei-me para o ruído estridente da Französische Strasse, cheia de bandeiras vermelhas, brancas e pretas. As pessoas seguem, tropeçam umas nas outras sem sequer pedir desculpa. Parece que toda a gente está em fuga.

Cheguei à Hackesche Höfe. Há cinco anos, pertencia a *Herr* Michael, amigo do papá. Os ogres tiraram-lha, e ele teve de sair da cidade. Como acontece sempre ao meio-dia, o Leo esperava por mim à porta do café da *Frau* Falkenhorst, no pátio interior do prédio. Lá estava ele, com aquele ar maroto, pronto a queixar-se por eu chegar tão atrasada.

Peguei na máquina fotográfica e desatei a tirar-lhe fotografias. Ele fez poses e riu-se. A porta do café abriu, e saiu um homem com a cara vermelha e manchada, trazendo com ele uma lufada de ar quente e o aroma a cerveja e tabaco. Quando me aproximei do Leo, fui assolada pela fragrância a chocolate quente no hálito dele.

— Temos de sair daqui — disse. Sorri e assenti.

— Não, Hannah. Temos de sair disto tudo — repetiu ele, e referia-se à cidade inteira.

Dessa vez, compreendi: já não queríamos viver rodeados por tantas bandeiras, aqueles militares, tantos empurrões e safanões. *Vou contigo aonde quiseres*, pensei, e desatámos a correr.

Corríamos contra o vento, as bandeiras, os automóveis. Tentei acompanhar o passo do Leo, versado em esgueirar-se por aquele aglomerado de gente que se considerava pura e invencível. Quando estava com o Leo, havia momentos em que nem ouvia o ruído dos altifalantes, nem os gritos e clamores dos homens que marchavam num uníssonos perfeito. Parecia impossível ser mais feliz, embora eu soubesse que não iria durar.

Chegámos à ponte, deixando o Palácio da Cidade e a catedral para trás, para nos debruçarmos no parapeito e contemplarmos o rio Spree. As águas eram negras como as paredes dos prédios que o ladeavam. Deixei o pensamento vaguear ao ritmo da corrente. Senti que me podia atirar ao rio e deixá-lo levar-me — ficar ainda mais impura. Porém, nesse dia, estava limpa; tenho a certeza. Ninguém se atreveria a cuspir-me para cima. Eu era exatamente como eles. Por fora, pelo menos.

Nas fotografias, as águas do Spree tendiam a exibir um brilho prateado, com a ponte a pairar no outro extremo, como uma sombra. Estava espedada ao centro, por cima de uma pequena arcada, quando ouvi o Leo a chamar-me, exasperado.

— Hannah!

Porque é que tinha de me despertar do meu devaneio? Não havia nada nesse momento mais importante do que poder isolar-me, ignorar o que me rodeava, imaginar que não tínhamos de ir a lado nenhum.

— Está um homem a tirar fotografias tuas!

Só então reparei no homem magro e escanzelado, com uma pança a despontar. Tinha uma *Leica* nas mãos e tentava focar-me. Mudei de posição, mexi-me para lhe dificultar a tarefa. Devia ser um ogre que iria dar parte de nós, ou um dos traidores que trabalhava para a esquadra de polícia na Iranische Strasse e passava a vida a denunciar-nos.

— Também te fotografou a ti, Leo. Não deve ter sido só a mim. O que é que ele quer? Nem sequer podemos estar na nossa ponte?

A mamã insistia que não devíamos vadiar pela cidade porque estava cheia de autoridades grosseiras. Ninguém se sentia na obrigação de pôr uma máscara para nos agredir. Os agressores éramos

nós; eles eram a razão, o dever, a autoridade. Os ogres atacavam-nos, insultavam-nos; nós devíamos ficar calados, mudos, enquanto nos davam pontapés.

Tinham descoberto a nossa mancha, as impurezas, e denunciavam-nos. Sorri para o homem da *Leica*. Tinha uma boca enorme. Um líquido espesso e transparente escorria-lhe do nariz. Limpou-o com as costas da mão e carregou no obturador da máquina várias vezes. Tira as fotografias que quiseres. Manda-me para a cadeia.

— Vamos tirar-lhe a máquina e atirá-la ao rio — disse-me o Leo ao ouvido.

Eu não conseguia parar de olhar para aquele homem ridículo, que me mirava e quase se lançava aos meus pés em busca do melhor ângulo. Apetecia-lhe cuspir-lhe em cima. Sentia nojo daquele nariz grande e pingão. Era enorme, como aqueles das caricaturas dos impuros na capa da *Der Stürmer*, a revista que nos odiava e que ganhara popularidade. Sim, ele devia ser um daqueles que sonhava ser aceite pelos ogres. Escumalha suja, como o Leo lhes chamava.

Comecei a tremer. O Leo fugiu, arrastando-me como a uma boneca de trapos. O homem começou a acenar e a tentar apanhar-nos. Ouvi-o gritar:

— Rapariga! Como te chamas? Quero saber o teu nome!

Como podia ter pensado que eu iria parar e dizer-lhe nome, apelido, idade e morada?

Tentando fundir-nos no trânsito, atravessámos a rua. Passou um elétrico apinhado, e vimos o homem ainda na ponte. Rimo-nos, e ele teve a audácia de gritar adeus!

Rumámos ao café do Georg Hirsch na Schönhauser Allee. Era o nosso café favorito em Berlim, onde geralmente nos empanturrávamos de guloseimas e podíamos passar a tarde inteira sem receio que nos insultassem. O Leo estava sempre com fome, e eu já tinha água na boca só de pensar nas bolachas de especiarias *Pfeffernüsse*, acabadas de cozer, embora não estivéssemos no Natal. Preferia aquelas cobertas de açúcar e extrato de anis; o Leo preferia com cobertura de canela. Ficávamos com dedos e narizes brancos, e fazíamos a continência dos ogres. O Leo armava-se em sinaleiro, a fazer «Stop!» com o braço em L e a mão aberta para cima. O brincalhão do Leo, como diria a mamã.

Aproximámo-nos do café e ficámos paralisados na esquina da rua: as janelas do café do Georg Hirsch também estavam todas partidas! Eu não conseguia parar de tirar fotografias. Vi que o Leo estava triste. Um grupo de ogres virou na outra esquina, a marchar a passo e a cantar um hino que era uma ode à perfeição, à pureza, à terra que devia ser só deles. Adeus, *Pfeffernüsse!*

— Outro sinal de que temos de nos ir embora — disse o Leo em tom lúgubre, e desatámos a correr outra vez.

*Ir embora*, percebi: não da esquina, nem da ponte, nem da Alexanderplatz. Simplesmente partir.

O mais provável era que estivessem em casa à espera para nos prenderem. Se não fossem os ogres, seria a mamã. Não sairíamos ilesos daquilo.



Na estação Hackescher Markt, entrámos na primeira carruagem do S-Bahn. Sentámo-nos em frente a duas mulheres que passaram a viagem a queixar-se do preço das coisas, do racionamento, da dificuldade de encontrar café como deve ser. De cada vez que brandiam os braços no ar, soltavam ondas de suor misturado com essência de rosas e tabaco. A que falava mais tinha batom encarnado num dente da frente, e parecia um corte. Olhei para ela e, sem dar por isso, comecei a transpirar. Não é sangue, tentei convencer-me, a mirar aquela boca enorme. Incomodada pela minha insistência, fez-me sinal com a mão para deixar de a observar. Baixei os olhos e o cheiro a azedo dela encheu-me as narinas. Apareceu o maquinista de farda azul e pediu para ver os nossos bilhetes.

Entre as estações Zoo e a Savignyplatz, contemplámos pela janela as fachadas enegrecidas. Janelas sujas, uma mulher a sacudir uma tapete manchada à varanda, homens a fumarem à janela, bandeiras vermelhas, brancas e pretas por toda a parte. O Leo apontou para um prédio bonito que ardia na Fasanenstrasse, perto da passagem de nível do S-Bahn. Ainda saía fumo do telhado principal da cúpula estilhaçada. Mais ninguém olhava para o prédio devastado. Deviam sentir culpa. Não queriam ver aquilo em que a cidade se estava a tornar. A mulher com batom no dente também baixou a cabeça.

Além de não querer testemunhar o fumo, também não se atrevia a encarar-nos.

Saímos na estação seguinte e retrocedemos alguns quarteirões até à Fasanenstrasse. Entrámos pela passagem lateral do prédio, a fachada de estuque a decompor-se com a humidade e a poluição. Antes sequer de chegarmos debaixo da janela de *Herr Braun*, já ouvíamos a telefonia no máximo, como de costume.

Era um velho surdo e asqueroso. O Leo chamava-lhe ogre, tal como chamava aos ditos puros e aos que usavam camisas castanhas. Sentámo-nos por baixo da janela da sala de estar atulhada, com beatas de cigarro e poças de água suja à nossa volta. Era o nosso esconderijo favorito. Por vezes, o ogre via-nos e insultava-nos com «a palavra começada por J» que eu e o Leo nos recusávamos a proferir. Como insistia a mamã e eu repetia várias vezes ao Leo, éramos alemães primeiro que tudo.

O Leo não compreendia porque é que eu tirava fotografias às poças de água, lama, beatas de cigarros, paredes esboroadas, cacos de vidro no chão, montras escaqueiradas. Eu achava que qualquer uma daquelas fotos valia mais do que as dos ogres ou dos prédios com bandeiras: uma Berlim que eu não desejava ver.

Nem o fumo do prédio a arder conseguia suavizar o hálito do ogre, um misto de alho, tabaco, aguardente e enchidos de porco cediços. Não parava de cuspir e de se assoar. Eu não sabia o que me dava mais voltas ao estômago: o fedor da casa dele ou ver-lhe a carantonha. Mas, graças à sua surdez, conseguíamos descobrir o que se passava em Berlim.

Já não tínhamos autorização para ouvir a telefonia em casa, comprar um jornal, ou usar o telefone.

— É perigoso — disse-me o papá. — Não vamos procurar problemas.

O ogre mudou de emissora várias vezes. As notícias — ou as ordens, como lhes chamava o Leo — começariam em minutos, e o ogre não parava de se mexer e de fazer barulho. Finalmente, sentou-se à janela. O Leo tirou-me do caminho mesmo quando o ogre espreitou pela janela. Não conseguíamos parar de rir; já lhe conhecíamos bem os hábitos.

O Leo sabia que eu não me importava de passar ali o dia inteiro; que me sentia protegida quando estava com ele. Quando estávamos juntos, não pensava na minha mãe a definhar, nem em como o papá estava determinado a mudar as nossas vidas.

O meu amigo era uma pessoa intensa. Não andava, corria, sempre apressado, com uma meta a atingir, algo para me mostrar que eu não podia perder. Também visitava vários bairros, a tentar perceber o que acontecia à nossa cidade, que desabava a pouco e pouco. Ocasionalmente, misturava-se com os ogres que marchavam e beravam na rua, com as bandeiras em punho, mas nunca me atrevi a acompanhá-lo. Falava comigo cheio de nervos, como alguém que conseguia prever que não nos restava muito tempo. O nosso único momento de paz era ali, no meio da porcaria e do cuspo do ogre, graças a uma telefonia velha com o volume no máximo.

O Leo era mais velho do que eu. Dois meses mais velho. Isso levava-o a achar-se mais maduro, e eu alinhava porque era o meu único amigo; a única pessoa em quem eu podia confiar inteiramente.

Por vezes, espiava o próprio pai, que planeava algo com o meu pai, desde que se tinham conhecido na esquadra da Grolmanstrasse onde, segundo o Leo, tresandava a urina. Costumava contar-me ideias aterradoras, que eu preferia ignorar. Sabíamos que eles congeminavam algo em grande; algo que poderia ou não incluir-nos. Eu não achava que nos fossem abandonar, ou mandar para uma escola especial fora de Berlim, ou para outro país sozinhos, onde se falava outra língua, como alguns vizinhos do Leo tinham feito aos filhos. Mas alguma coisa andavam a tramar; ele tinha a certeza. Isso metia-me medo.

*Herr* Martin era contabilista e tinha ficado sem clientela. Ele e o Leo dividiam um quarto numa pensão na Grosse Hamburger Strasse, número 40. O prédio ficava ao lado de um abrigo cheio de mulheres, velhos, crianças — todos aqueles a quem eles não sabiam o que fazer nem para onde mandar, numa zona onde a mamã nunca se atreveria a pôr os pés.

A mãe do Leo conseguira fugir para o Canadá, para junto do irmão, da cunhada e dos sobrinhos, que ainda não havia conhecido. O Leo e o pai não tinham esperança de ir viver com eles tão cedo.

Procuravam «outras possibilidades de fuga», como o Leo gostava de dizer. O meu pai fazia parte do conluio. Segundo o Leo, também ele enviava dinheiro para o Canadá desde que nos tinham fechado as contas bancárias em Berlim.

Pelo menos isso deixava-me contente. Teríamos aceitado qualquer decisão que os nossos pais tomassem, desde que incluísse a mim e ao Leo e às duas famílias. O Leo estava convencido de que os meus pais ajudavam o seu, que ficara sem dinheiro e sem maneira de trabalhar, para que eles também pudessem fugir.

O Leo habituara-se a acompanhar o pai nas reuniões matinais com o papá. Fazia de conta que não ouvia e que estava entretido com qualquer coisa, para eles não interromperem conversas e planos. Eu gostava de o arrelhar a dizer que ele se fizera espião da sociedade Martin-Rosenthal. Porém, estar alerta, de olhos e ouvidos bem abertos, era algo que o Leo levava muito a sério.

Recusava-se a deixar-me visitá-lo na sua nova morada.

— Não vale a pena, Hannah. De que serviria?

— Não pode ser pior do que esta passagem horrorosa onde passamos tanto tempo.

— A *Frau* Dubiecki não gosta que tenhamos visitas. É uma velha mesquinha que se aproveita da nossa situação. Lá ninguém gosta dela. O papá só se iria zangar. Além disso, Hannah, não há espaço para te sentares.

Ele tirou um naco de pão preto da algibeira e abocanhou um bocado enorme. Ofereceu-me, mas não aceitei. Tinha perdido o apetite: só comia porque tinha de ser. Mas o Leo devorou o pão e, enquanto isso, pude observá-lo bem.

O Leo transpirava energia. Era cheio de cor: pele corada, olhos castanhos.

— Tenho sangue nas veias! — gabava-se, com as bochechas a luzir. — Tu és tão pálida que mais pareces transparente. Até vejo dentro de ti, Hannah.

Eu enrubescia.

Ele não fazia gestos nem era preciso: bastava uma frase para o rosto exprimir um leque de emoções. Quando falava para mim, eu dava-lhe toda a atenção. Bombardeava-me com palavras. Deixava-me

nervosa: eu ria e tremia, tudo ao mesmo tempo. Quem ouvisse o Leo, diria que a cidade rebentaria a qualquer momento.

Era alto e magro. Embora fôssemos do mesmo tamanho, ele parecia uns centímetros mais alto, com cabelo espesso e ondulado que parecia nunca ver um pente. Quando estava para dizer algo importante, mordida os lábios com tal força que até parecia fazer sangue. Tinha olhos assustados, arregalados, e as pestanas mais escuras e compridas que eu jamais vira. «As pestanas chegam sempre antes de ti», gostava de dizer, para o arreliar. Que inveja. As minhas pestanas eram uma tristeza; tão claras que mais parecia não ter, como as da mamã.

— Não precisas delas — dizia ele, para me consolar —, não com esses grandes olhos azuis.

O fedor lembrou-me que ainda estávamos naquela passagem asquerosa. O ogre andava pela sala. Raramente saía de casa, só para ir às compras.

O Leo contou-me que o horroroso ogre trabalhava no talho de *Herr Schemuel*, a poucos quarteirões dali, até ele mesmo ter denunciado o dono. Sentia-se poderoso desde que os ogres tinham tomado o poder; davam-lhe liberdade para isentar ou condenar alguém tão insignificante como ele próprio era.

Naquela terrível noite de novembro, de que toda a gente ainda falava, tinham partido as montras de *Herr Schemuel* e encerrado a loja. A partir desse momento, o fedor assolara a cidade: fedor a canos partidos, esgoto, fumo. *Herr Schemuel* tinha sido preso, e nunca mais se ouvira falar do homem que vendia as melhores peças de carne no bairro.

Por conseguinte, aquele ogre estava sem emprego. Eu tinha curiosidade de saber o que ganhara ele com a denúncia de *Herr Schemuel*.

Berlim estava cheia de ogres. Havia um justiceiro em cada esquina. Arrogavam-se a missão de denunciar, perseguir, e entravar a vida a todos nós que pensávamos de outra maneira, que vínhamos de famílias que não encaixavam na ideia que eles tinham de família. Tínhamos de ter a maior cautela com eles, e também com os traidores que achavam conseguir salvar-se denunciando-nos.

— É melhor viver enclausurado, com portas e janelas entaipadas — dizia o Leo.

Porém, nós os dois não conseguíamos estar quietos num sítio. De que servia, se os nossos pais nos iam mandar para onde lhes apetecesse?

Os ogres tinham dificuldade em perceber quem eu era. Sentava-me nos bancos de jardim que nos estavam interditos e podia entrar nos elétricos reservados para a raça pura. Se quisesse, também podia comprar o jornal.

O Leo dizia que eu me conseguiria fazer passar por qualquer pessoa. Não tinha marcas exteriores, embora por dentro tivesse o estigma de todos os quatro avós que os ogres tanto detestavam. O Leo era igual. Partiam do princípio de que era como eles, embora ele achasse que o seu nariz ou os olhos não enganavam ninguém. Não obstante, o Leo não podia temer menos que o descobrissem, porque era perito em fugas e corria até mais do que Jesse Owens, o grande atleta olímpico americano.

Contudo, a minha capacidade de passar por quem quisesse, sem me cuspirem para cima ou me darem pontapés, laborava contra mim entre o meu próprio povo. Pensavam que tinha vergonha deles. Ninguém gostava de mim; não me integrava em nenhum dos lados, mas não me ralava muito com isso. Tinha o Leo.

Costumávamos esconder-nos na passagem do ogre para saber o que se andava a passar. Se houvesse uma tarde em que não tivéssemos tempo de lá ir, o Leo ficava nervoso, com medo de ter perdido notícias que mudassem o nosso destino.

O filho do padeiro, que se orgulhava do seu nariz enorme, interrompeu-nos, mas era amigo do Leo. Olhei para o chão. Se o Leo quisesse ir brincar com ele, eu deixava. Arranjaria outra coisa para fazer.

— Outra vez com ela? — barafustou o amigo. — Sai lá desse buraco imundo e deixa *a rapariga alemã*.

Quando ele me chamava assim, pronunciava cada sílaba com cuidado e fazia caretas.

— Deixa-a. Acha-se melhor do que nós. Vamos ver a briga ali à esquina. Estão a bater-se até à morte. Anda lá!

O Leo mandou-o falar mais baixo e sair dali.

— *Liebchen, Liebchen, Liebchen* — trauteou ele, como se eu e o Leo gostássemos um do outro, e sumiu.

O Leo tentou apaziguar-me.

— Não lhe ligue — disse em voz baixa. — Não passa de um vadio.

Apetecia-me ir para casa, engrossar o nariz, enriçar o cabelo, pintá-lo de preto. Estava farta que me confundissem. Se calhar, não era filha dos meus pais, mas sim órfã — uma órfã verdadeiramente «pura», adotada por um casal rico e impuro que se achava superior por ter dinheiro, joias e propriedades.

As notícias na telefonia roufenha do ogre arrancaram-me a esta autocomiseração patética. Novas leis e regulamentos que teríamos de cumprir. Sobressaltei-me a cada nova ordem, que fazia eco como um rugido. Doía.

Teríamos de fazer listas de todas as nossas posses. Muitos de nós teriam de mudar de nome e de vender propriedades, casas, lojas, aos preços que eles ditassem.

Éramos monstros. Roubávamos o dinheiro aos outros. Escravi-závamos quem tinha menos do que nós. Andávamos a destruir o património do país. Tínhamos deixado a Alemanha sem pinga de sangue. Tresandávamos. Acreditávamos em deuses diferentes. Éramos mesquinhos. Éramos impuros. Olhei para o Leo e depois para mim. Não consegui ver a diferença entre ele, a Gretel, e eu.

A limpeza começara em Berlim, a cidade mais suja da Europa. Seríamos encharcados por possantes jatos de água até ficarmos limpos.

Não gostavam de nós. Ninguém gostava de nós.

O Leo fez-me levantar e fomo-nos embora. Fui atrás dele, sem destino. Deixei-o levar-me.

O ogre foi à janela com ar presunçoso, contente, como todos eles, que a limpeza estivesse iminente — e já não era sem tempo! —, parecida com a que ele próprio começara no nosso bairro. Chegara o momento de esmagar os indesejáveis, queimar, sufocar, até não ficar ninguém vivo perto deles; ninguém para lhes estragar a perfeição, a pureza.

Com a satisfação veiculada pelo poder de aniquilar, de ser quem era, superior a toda a gente, sentir que era Deus no seu bunker maravilhoso, rodeado de beatas de cigarros e lama, soltou mais um espesso e sonoro escarro.

COM O APROXIMAR DA GUERRA,  
A VIDA DA JOVEM ALEMÃ HANNAH ROSENTHAL MUDOU

Em 1939, as ruas de Berlim estão decoradas com bandeiras vermelhas, pretas e brancas. Pelas ruas andam «ogres», vestidos com uniformes castanhos. O pai de Hannah parece mais diminuído a cada dia. E a sua mãe vive sempre com medo. É quando decidem fugir da Alemanha a bordo do navio *St. Louis*, com destino a Cuba, que lhes dará asilo.

CERCA DE 70 ANOS DEPOIS, EM NOVA IORQUE,  
ANNA ROSEN RECEBE UMA ENCOMENDA

No dia do seu 12.º aniversário, chegam às mãos de Anna fotografias de família do pai, Louis, um cubano que nunca conheceu. O nome da remete é Hannah, e o pacote vem de Cuba. Louis morrera nas Torres Gémeas a 11 de setembro de 2001, pouco antes de Anna nascer.

QUAL SERÁ A RELAÇÃO ENTRE AMBAS?

Decididas a desvendar os mistérios do homem das suas vidas, Anna e a mãe viajam até Cuba para conhecerem Hannah, que as espera. Conseguirão todas encontrar as respostas que procuram?

**De Berlim, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, a Cuba, à beira da Revolução; da Nova Iorque pós-11 de Setembro à Havana da atualidade, esta história real mostra-nos toda a força e determinação de gerações de exilados, ainda e sempre à procura do seu lugar no mundo.**

«Fascinante. Uma brilhante apresentação dos terrores, paixões, atribulações, coragem infinita e espírito daqueles de que a História se esqueceu.»

**Thomas Keneally**

autor de *A Lista de Schindler*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-77-7



9 789898 869777

Romance Histórico